

ROUPA DO TERREIRO AXÉ ILÊ OBÁ: ENTREVISTA COM GEORGIA PRADO

DOI: 10.26512/revistacalundu.v7i1.49574

Entrevista com Georgia Augusta Rosa do Prado, conhecida como Oyá Somikan do terreiro de candomblé queto, Axé Ilê Obá, primeiro terreiro de São Paulo tombado como patrimônio histórico, pelo CONDEPHAAT. Realizada em 12 de março de 2023, por meio de vídeo. Perguntas e transcrição por Aymê Okasaki¹. Georgia fez bacharelado em Relações Internacionais e atua com produção de eventos. Georgia é uma profissional multifacetada e está em várias áreas, inclusive ela é dona do ateliê de roupas para candomblé, Odó Iná. Faz parte do Coletivo Obinrin Alágbara².

Figura 1 - Georgia Prado no Axé Ilê Obá



Fonte: entrevistadora, Aymê Okasaki

Motumbá axé, Motumbá. Hoje eu estou com a produção de eventos *on holding*. Mas acho que passa tempo, vem tempo, eu continuo sendo costureira de candomblé. Sou neta e bisneta, além de ser sobrinha-neta de costureiras. Ainda que minhas ancestrais, as minhas mais velhas não sejam, e minha bisavó, Maria José do Carmo, não foi costureira

¹ Bacharel e Mestra em Têxtil e Moda – USP. Doutoranda em História Social – USP. Integrando o Grupo de Pesquisa Fayola Odara. Docente nos bacharelados de Moda da Universidade de Sorocaba e Athon. E-mail: ayme.okasaki@usp.br.

² Disponível em: <https://www.instagram.com/obinrinalagbara/>

de candomblé, elas costuraram sim algumas coisas de candomblé para a Mãe Sylvia e para outras pessoas. Mas eu fiquei só com esse tracinho específico voltado para o candomblé.

Pergunta: Georgia, você tem uma formação em Relações Internacionais, assim como a ialarixá Sylvia Egydio de Oxalá³ (antiga mãe do terreiro de candomblé Axé Ilê Obá), e uma carreira e atuação em várias áreas como em eventos e na costura, como você começou a ter contato com a costura de roupas de candomblé?

Resposta: Sim, a gente compartilha essa coisa das Relações Internacionais. A gente tinha muita afinidade, por sermos duas mulheres negras que foram a lugares que não era muito comum na época dela. Ela contava histórias de que ela tirava ebó no Central Park. Eu particularmente só fui para o candomblé por causa dela. Eu escolhi o Axé Ilê Obá por causa dela. Porque foi ali que eu me identifiquei, eu me vi. E a costura entrou na minha vida através dela. Porque a minha vó já era costureira. É um ofício que ninguém na família se apeteceu, ninguém achava legal. Inclusive eu na época, imagina. E aí teve todo o processo de elaboração da minha roupa de abiã. Que ela falou para mim: *Peça para sua avó, Maria Aparecida do Carmo, fazer. Sua avó sabe fazer, porque ela já fez muita roupa para mim.* Eu lembro que a gente foi no Brás buscar o tecido. Eu escolhi. Tinha uma irmã na época, mais velha que ela designou para me ajudar. E essa menina foi comigo e me ajudou a escolher os tecidos. Essa irmã de santo, uma irmã mais velha, de cargo lá da casa [não mais está na casa]. Ela me levou para comprar os tecidos. Na época a minha primeira saia não teve avimentos, ela tinha babados franzidos. Eu falei: *vai ficar muito simples, pode por fita de cetim?* Ela disse: *pode por fita de cetim.* Minha vó colocou cinco fileiras de fita de cetim na minha saia. Compramos o tecido do quebra-goma. Minha vó fez uma série de coisa. A gente comprou tecido e ela fez roupa de ração, fez roupa de festa. Que eram duas roupas de ração e essa roupa de festa, que tinha um pano-da-costa diferente. A roupa ficou pronta. Eu fui para a festa de Oxóssi, com a roupinha. Na hora que eu coloquei a minha saia, eu comecei a sentir aqueles olhares. Eu falei: *meu deus o que é que está acontecendo?* Aí veio uma irmã de santo de Iemanjá e falou: *nossa, mas você já pôs cinco fitas? Você é iniciada?* Eu falei: *meu deus, como é que eu vou entrar no barracão com essa saia? Eu não sou iniciada e já tem cinco fitas.* Porque dentro da minha casa você só pode pôr fita equivalente aos seus anos de iniciação com obrigação paga. Foi o primeiro

³ Sylvia tinha graduação em Enfermagem e Administração e uma pós-graduação em Relações Internacionais.

bailão que eu tomei. Passou uns dias, em uma próxima função, nós tínhamos nossa ialaxó, a falecida e quede Elizete de Iansã⁴. Ela falou: *é porque tiveram até umas abiãs que entraram com saia com mais de uma fita e eu tomei bronca. Eu quero explicar para vocês que as roupas não são assim. Não se usa fita.* Eu entendi de fato depois que ela explicou como era. Ela falou tudo o que eu podia usar e o que eu não podia usar. Nessa época eu ainda não costurava. Foi passando o tempo e me indicaram uma costureira lá da roça, a falecida Ana de Xangô. Muita coisa eu a vi costurar. Tanto que a roupa da minha saída, ela fez a maioria das coisas, porque minha vó já era uma senhora idosa. Minha vó fez algumas coisas, mas muita coisa eu dei para a Ana fazer. Um dia, depois de iniciada, ainda cumprindo quelê, uma abiã irmã de santo falou para Mãe Sylvia: *eu não tenho saiote.* A mãe Sylvia falou: *é só fazer. Você pega um tecido assim, e você faz assado e você vai puxar o franzido.* Eu fiquei pensando: *do jeito que ela está falando, parece que é muito fácil.* Eu me comovi com a menina, falei: *coitada, não vai ter saiote para a festa.* Eu fui atrás da minha vó. Lembro da primeira saia que eu fiz, com ajuda da minha vó, foi um saiote de morim para a menina. Em três meses eu estava costurando uma saia. Eu fiz muita coisa para muita gente.

Pergunta: Esse início ainda não era a sua marca, não era o seu ateliê, era esse aprendizado que você estava tendo.

Resposta: Nessa época de 2014. Eu fui iniciada em abril de 2014. Então de abril a julho foi aprendizado e eu fui pegando gosto. Eu sou vaidosa. Eu via as coisas, as rendas, os tecidos, eu queria já comprar. Depois que eu fui ao Brás eu lembro que eu comprei um monte de tecido que eu fui costurar muito tempo depois. Até hoje você vai na minha casa e tem pilhas de tecido. Eu sou muito sem noção, porque eu compro, eu faço e eu dou.

Pergunta: Quando foi que você fez a primeira peça de candomblé para você?

Resposta: Eu fiz uns camisus com a minha vó, que eu não gostava porque não tinha modelagem. Era aquela coisa só recortada frente e verso. Eu achava bonito porque eu comprei uma laises lindas, mas eu falava: *não é isso.* Eu fui aprender a fazer camisus de verdade, eu já era quase ebômi. Porque essa é uma ciência que ninguém ensina.

⁴ A postagem a seguir cita brevemente a ialaxó. Disponível em:
<http://www.axeileoba.com.br/index.php/2015/07/24/yaquequere-do-axe-ile-oba-dona-antonia-pimenta/>

Pergunta: E no Axé Ilê Obá não tinha alguém que tivesse essa prática da modelagem do camisu?

Resposta: Não, ninguém porque a ialaxó faleceu. Então em 2014 eu iniciei costura experimental, depois eu tirei o quelê e uma semana depois a mãe Sylvia morreu. Nós entramos no um ano de luto. E foi nesse ano que eu criei a marca. Fazia saio, que foi a primeira coisa que eu costurei. Criei a marca no final de 2014. Em 2015 eu comecei a costurar, mas eu era muito perfeccionista, então eu ficava em umas de: *não acho que está bom ainda para vender*. Mas fazia algumas coisas para mim, fazia os camisus, fazia umas saias. Saia eu demorava muito para fazer porque eu aprendia a fazer com a minha vó. A minha vó me ensinou a fazer saia franzida com duas linhas de algodão, para ficar igualzinho o franzido. Eu demorava muito tempo para costurar, até que eu comecei a fazer franzidos com linha de nylon. Só depois que eu comecei a preguear. É aí que está o segredo desse ofício: uma coisa que eu aprendi com a costura foi a ter paciência. Foi através da costura que eu comecei a ter paciência com o processo.

Pergunta: Hoje, no Axé Ilê Obá, você consegue diferenciar quais os tipos de roupas de candomblé?

Resposta: Temos duas grandes categorias de roupas: roupa de ração e roupa de festa, além da roupa de rum. A roupa de ração feminina é composta da calça, camisú, saia, pano-da-costa e pano-de-cabeça. Quando eu cheguei no Axé Ilê Obá, o pano-da-costa era utilizado em funções de ração, em algumas funções, por exemplo nas quartas-feiras a mãe Sylvia mandava usar pano-da-costa. A roupa de ração do homem: calça, bata e o equeté, que é um grande conflito. Equeté no formato que a gente conhece é um adereço árabe. Quando a gente fala de tradição iorubá, a gente fala de filá. Se você vai no Axé Ilê Obá, você vai ver gente de equeté e gente de filá, aquele de ladinho. Roupa de festa das abiãs mulheres: calça, um ou dois saíotes, quebra-goma que é aquela saia que serve para dar aquela “amansada” na goma, saia, camisú, pano-da-costa e pano-de-cabeça. No Axé Ilê Obá as abiãs usam pano-da-costa. Tecidos que abiãs usam: viscose, percal, rendão e laise com pouco bordado, não muito aberto. Iaô: calça, camisú, quatro a cinco saíotes só engomados, quebra-goma, saia que pode ser branca ou colorida dependendo da iniciação (se já deu de um ano, pode usar colorida), pano-da-costa ou aquele banté (aquele cortinha), o laço do peito e o pano-de-cabeça. Os fios: mocã e os fios de orixás de cabeça, juntô, o terceiro... todos os orixás que a pessoa vai usar. O homem vai usar: calça, bata branca ou colorida de acordo com hierarquia de obrigação dada ou não dada, e o filá ou equeté. Abiã

homem vai usar a mesma coisa que o iaô, a diferença vai ser os fios. O que vai diferenciar o abiã e o iaô no Axé Ilê Obá, homem, ou é a cor na roupa, ou é o mocã e os fios.

E os tecidos coloridos, o ankara colorido. O ankara é uma coisa nova. Ele chegou aqui faz tempo, mas só passou a ser legitimado depois que certas pessoas começaram a aparecer de ankara. Uma rede de influências, pelo fato de que muitas pessoas se frequentam [frequentam vários terreiros]. É o caso agora da volta da renda Renascença. Tem gente que olha e fala: *isso é novo*. Mas é muito antigo. A barafunda que está voltando com tudo. Acho que tem muito a ver com essa rede de influências.

Agora vai ter uma alta de prega-palito. São o que a gente chama de *trends setters*. Eles estão estabelecendo quais são as *trends* do candomblé. E isso vai trazendo até o que a gente chama de a alta ou a baixa de um determinado material, estilo. Por exemplo: guipure está desaparecendo na maioria das casas. Você vê muito entremeio. Mas, no Axé Ilê Obá, as ebômis usam bastante guipure.

Voltando as categorias, a ebômi é a mesma coisa, vai mudar que o camisu, bata em cima. No Axé Ilê Obá tem o lacinho na cintura. Se você é omó iabá você vai usar a ponta redonda, se você é omó curim você vai usar a ponta quadrada ou gravata. As iaôs, a mesma coisa, vai usar laço no peito se ela é filha de iabá, ela vai usar ponta redonda, se ela é filha de oboró vai usar ponta quadrada ou até a triangular, se for filha de Xangô. Ebômi usa alaká no ombro.

E têm uma roupa que a gente nunca fala, mas que é superimportante: axó ilê, que é a roupa que vai na casa. As roupas, os laços que vão nos atabaques, que vai nas cadeiras, que vai em tudo. Onde dá para pôr laço a gente põe laço. O próprio alá, o alá é um grande pano. As cortinas, porque tudo isso faz parte do ofício de uma costureira de axé. Costura tudo, toalha de mesa. Os ibás são todos vestidos. O quarto de santo é todo vestido. É uma infinidade de roupa que vai em um terreiro. Eu faço laços, é uma coisa que eu comecei a fazer no meu processo de retorno ao Axé Ilê Obá.

Pergunta: Você chegou a aprender algo relacionado a costura, dentro do próprio Axé Ilê Obá? Hoje em dia você percebe que há essa transmissão de conhecimento sobre esse fazer as roupas, na casa?

Resposta: A minha transmissão de conhecimento sobre costura veio da minha vó, muito influenciada pela mãe Sylvia. Eu não aprendia costurar no Axé Ilê Obá, porque ninguém sabia. Quem sabia era a Ana. E costureira tem uma mania de falar assim: *você vai fazer, vai unir, vai passar a linha e vai dar certo*. E eu não aprendi com ninguém. Eu aprendi

muito vendo e tentando “montar quebra-cabeça”. Eu tenho uma amiga na Bahia, a Tamara Nascimento de Logun Ede⁵, ela me ensinava pela internet, por vídeo. Agambelê, Íya Joice Alcantara⁶, também me ensinava pelo vídeo. Teve a Lara Leão também, do Afeyika. Eu sou muito grata a todas essas mulheres que eu mencionei aqui, porque são mulheres que tiveram muita paciência. São todas baianas, menos a Lara que é do Sul, de Curitiba. Tiveram muita paciência e foram muito generosas. Porque eu acho que o que faltou para mim essa referência da costura em São Paulo. Referência que eu digo de pessoas acessíveis, com as quais eu possa trocar. Tem muita gente que não passa esse conhecimento para frente. E elas foram muito generosas desde o começo: Tamara, a Agambelê também passou as coisas muito generosamente, nunca houve nenhum estresse; a Lara também me ensinou bastante. Veio muito mais através dessas pessoas do que dentro do Axé.

Pergunta: Além desse conhecimento do fazer em si, você sente que no Axé Ilê Obá têm o interesse, tem pessoas interessadas no conhecimento das roupas para além do fazer: as histórias desses tecidos, as histórias dessas roupas? Entender como é essa roupa de candomblé no sentido no sentido histórico, conceitual, e como se criaram essas tradições de vestir, como essas roupas vão sendo constituídas, como esses tecidos vão entrando.

Resposta: Eu acho que esse conhecimento só vem a partir do momento que as pessoas se deparam com ele. Vamos supor: existe uma norma de vestimenta, as pessoas têm o costume de se vestir de um jeito; se aparece alguém diferente, aquilo gera um estranhamento. Que não necessariamente é um estranhamento ruim, mas gera algo como: *nossa! Têm essa possibilidade também?* Eu não sinto que há muito interesse pela história da vestimenta e não acho isso ruim. Acho que há muito mais um interesse na estética. *Isso me interessa porque isso é bonito!* Não tem uma coisa de: *isso me interessa porque historicamente mulheres negras...* exemplo da barafunda. *Ah, mulheres negras tinham o hábito de pegar o que elas ganhavam e descosturavam.* A barafunda nada mais é do que uma grande gambiarra. Mas quando você pega uma pessoa fazendo hoje, vestindo, ela não sabe que aquilo é uma grande gambiarra. Que na verdade é uma estratégia de resistência. Aquilo é disruptivo. É uma questão de revolta: *Não é porque eu não tenho tecido que eu não vou ter nada para vestir.* Eu acho que não um interesse especificamente pela história da barafunda, mas um interesse sobre a estética, é bonito. A gente enfrenta

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/ofabeminoficial/>

⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/agambele_vsa/

um problema hoje muito sério no candomblé que é a desracialização. A desracialização do candomblé vai fazendo com que muitas coisas fiquem só no campo da estética. Do superficial. Então não se sabe para que aquilo é utilizado, a finalidade. Eu não entro nem naquele papo chato de tradição porque eu acho que a tradição é inventada.

Pergunta: Você trouxe há algumas festas, o axó ebi, que é algo muito diferente para o Axé Ilê Obá, e quem sabe será uma nova tradição dentro do Axé Ilê Obá.

Resposta: Eu não sei, porque trazer o axó ebi foi uma coisa de muita resistência. As pessoas acham que é só: *ah, todo mundo com roupa igual. Que chatice.* Elas não conseguem compreender a simbologia do axó ebi e o que isso significa em questão de enriquecimento e de conhecimento e tradição para a casa. Não sei se o axó ebi será absorvido. Eu tive o primeiro contato com axó ebi, eu ainda nem sabia o que era, foi em um festival de Ifá (era um festival de Oxóssi na tradição iorubá), em São Paulo. Vi todo mundo com a mesma roupa, menos os convidados. Os convidados estavam com uma roupa diferente. Eu fui pesquisar não só através da formalidade, mas eu tenho outros amigos nigerianos. Inclusive o axó ebi hoje, é algo que nos casamentos é caríssimo. Porque ser convidado para fazer parte da comitiva para usar o axó ebi é um carro de dinheiro que vai. Fui entendendo a riqueza do axó ebi e para que servia, que era para diferenciar os noivos e a família dos noivos de todo mundo. O axó ebi ele enriquece no sentido de mostrar que somos uma família, é um fator que une todo mundo. E por mais que seja “só na roupa”, não é assim: um laço que unifica, ele tende de uma forma simbólica, a trazer a harmonia. O que é a união se não aquela harmonia visual te todo mundo misturado na mesma lógica estética? É muito sutil para as outras pessoas. Tem pessoas que podem chegar e falar: *nossa... todo mundo com a mesma roupa!* E eu acho interessante porque não é a mesma roupa. É o mesmo tecido. Para mim a simbologia daquilo é lembrar. A semiótica tem um papel muito fundamental em comunicar de maneira não tão agressiva, mas explícita. Veja só: essas são as pessoas celebradas da noite, porque quando você for ver são todas as que vestiram santo. Eu acho que tem uma coisa singela nessa comunicação que também é sobre cuidado.

Pergunta: E hoje o Axé Ilê Obá tem uma ialaxó?

Resposta: Não tem. A gente tem uma osi ialaxó, que é a dona Edna de Oxumarê. Hoje a dona Edna está um pouquinho ausente por questões de saúde e de idade. Mas no tempo que eu acompanhei, ela era aquela pessoa que a ajudar. Mas a equede Elizete, que era

ialaxó na época. A gente tem que pensar que uma ialaxó tem várias funções. Não só a função de olhar a roupa se está adequada, de indicar tecido, orientar em relação a como uma peça deve ser, até para uma uniformidade. Porque, quando estou falando de uniformidade, eu não estou falando de todas iguais, mas estou falando de: *aqui a gente usa desse jeito.*

Pergunta: A gente sabe que no candomblé a roupa vai contando história. Como é essa relação, no caso do Axé Ilê Obá, com as roupas antigas?

Resposta: Eu vejo algumas ebomis mais antigas trazendo roupas mais antigas. Você olha e já sabe: isso é do tempo da mãe Sylvia! Pelo acabamento, pelo tipo do tecido, pelo tamanho. Tem mulheres que usam roupas bem antigas e que tem o maior primor por essas roupas. Mas eu sinto que as mais novas não têm muito apego. Elas querem sempre uma roupa nova, o que eu não acho um problema também. Mas isso que você falou sobre passar as roupas é algo que eu costumava fazer muito. Eu vivia dando roupa para minhas irmãs mais novas. Dava saia para tudo quanto era gente. Porque se você for olhar, a gente vai acumulando roupa que usou uma vez. Eu passo muito para minhas irmãs que ficaram do outro terreiro. Direto eu falo: *olha, eu tenho uma saia, tenho um camiseta, pega isso e não sei o quê.* Eu passo muito para frente para minhas irmãs, porque eu acho que se eu vou ter roupa nova, eu preciso ter espaço para guardar. Agora vender eu nunca vi ninguém tentando vender roupa velha, não vou nem usar a palavra velha, é roupa antiga. Mas é algo importante a ser pensado, um brechó. Eu acho que corre o risco de ter não ter aceitação. Porque as mulheres de candomblé têm seu apego espiritual com a roupa. Eu, particularmente só não passo para frente pano-de-cabeça. Pano-da-costa, dependendo da pessoa, eu até passo.

Pergunta: No campo dos estudos de Moda, temos debatido cada vez mais sobre uma abordagem decolonial, que não tenha como foco a história única do norte global sobre o que é ou não considerado Moda. Para você, Georgia, existe Moda dentro dos trajes de candomblé, ou se trata de costume de tradição, sem modificações?

Resposta: Eu gosto muito de roupa. Porém, para mim a roupa é uma prova cabal, de que as pessoas que se utilizam dessa fala da tradição, a utilizam de maneira muito parcial, e muito em razão daquilo que é conveniente para elas. Porque a roupa de hoje é algo que foi modificado e foi aceito. Claro que houve e ainda há resistência de mulheres mais antigas de candomblé. Porém, as gerações atuais aderiram sem questionamento nem

problema nenhum. A roupa, a gente adequou. Por quê? Então a moda de candomblé não é intocável. Ela foi modificada. Hoje a gente tem um paradigma muito contemporâneo. Nós temos *influencers*, que determinam quais são as novas tendências dentro do candomblé. Ainda que seja barafunda ou o resgate da prega-palito, resgate da renda Ipiranga, Renascença. Querendo ou não, são tendências.

Pergunta: Poderia nos contar um pouco sobre o que você trouxe para o Axé Ilê Obá, que você considera como uma inovação pois ainda não era tão presente na casa?

Resposta: Eu particularmente, tomo esse lugar de pessoa que tem trazido algumas referências, para sempre fazer um caminho de retorno. Agora eu tenho investido muito em renda Ipiranga. Eu fiz um enxoval de iaô que só coloquei renda Ipiranga. E prega palito, que já estava nas minhas coisas. Dificilmente você via prega palito, aí eu botei nas minhas coisas de ebômi. E apareceu uma iaô em seguida usando prega palito. Depois eu fiz um primeiro enxoval de iaô colocando prega palito e pregas maiores, quadradinhos. Eu tento sempre fazer esse caminho de retorno, inclusive eu sou adepta do uso do algodão. 100% algodão, até o algodão cru dá para fazer muita coisa legal. Eu gosto de treinar barafunda no algodão cru. Nada demais, um ponto bem simples de bainha aberta.

Pergunta: No candomblé existe o desejo em ter ou vestir determinadas peças? Respeitando a hierarquia e fundamentos.

Resposta: Acho que tem desejo e ele varia muito de pessoa para pessoa. As pessoas que influenciam precisam ser muito responsáveis pelos desejos que criam. O desejo que eu crio, não quero que seja inacessível ou que exclua alguém. Tem que ser um desejo que faça o caminho de retorno. Você verá mulheres que vão ansiar por uma roupa colorida, ou uma roupa mais luxuosa. Como você vê mulheres que sempre quiseram usar renda Ipiranga. Ou o entremeio. Mas tem que haver a responsabilidade da influenciadora. Eu não condeno ninguém, pois acho que cada um faz por si o que tem que fazer. Mas, eu penso que se as pessoas olham para mim, eu tenho que pensar em quais desejos eu vou gerar. Que tipo de desejo, que indústria eu vou alimentar. A gente precisa considerar também que a experiência que o outro terá com uma marca, não depende só do influenciador. O desejo é aquela coisa de: *eu quero ser como você, ter o que você tem*. O desejo é um lugar mais inconsciente do que racional. Você está me vendendo com minha roupa e compra, e diz: *não gostei, não ficou igual*. Corpos diferentes. Tem vários fatores, para entendermos que não vai caber em todo mundo. Acho que é isso, tem as pessoas que

estabelecem o que vai ser desejo e tem as pessoas que compram o que vai ser desejo. Cada vez mais a gente percebe que no mercado de *influencer*, a influência pessoal nunca foi tão poderosa quanto nos tempos atuais.

Pergunta: Você vê pessoas que ainda usam roupas da época da Mãe Sylvia ou da época do Pai Caio? Você acha que as roupas, de uma maneira geral, se mantiveram parecidas ao longo desse tempo, ou elas mudaram muito?

Resposta: Vou te responder, já apontando que não é uma verdade absoluta, pois eu tenho limitações de até onde eu consigo alcançar (pois sou da época da Mãe Sylvia e agora da Mãe Paula). Mas, existem grandes diferenças nos três tempos. E acho que podemos até dividir o momento da Mãe Sylvia, que tem muitas proximidades com Vô Caio. Muita saia com o tal do bico de pato, que é o pregueado. Quando você olha as fotos, dá para ver muita semelhança quanto aos tecidos. Mas eu acho que conforme os tecidos foram evoluindo e mudando, foi mudando todo o caminho. Eu percebo que na época do Vô Caio, pelas fotos, eu vi muito pouco aviamento no bico. Quanto tinha aviamento, era muito pequeno, ou de renda. Você via muita coisa de renda. A gente tem que pensar que o longo período mesmo é o da Mãe Sylvia. Porque na época dele era essa coisa do pregueado bico de pato. Tinha muito adê de orixá de lantejoula, feito à mão. Mas na época da Mãe Sylvia ainda tinha. Se você olhar as coisas da Mãe Paula, o primeiro adê dela é baixinho e todo de lantejoula. Depois, quando ela fica mais velha que ela passa a usar o latão. Ou o tecido, porque também teve essa transição: vem da lantejoula, chega no metal, algumas pessoas vão de metal para tecido, mas aqueles grandes que tem até hoje com plástico e pedraria, para voltar para o metal. Ainda que nós temos bastante de plástico com cartão. Fazendo um link com a mudança dos adês. As diferenças são essas, que eu vejo: aviamentos, tecidos. Agora na época da Paula a gente tem um *boom* do guipure. Porque na época da Mãe Sylvia era Richelieu. Agora tem o ankara, bem recente.

Pergunta: Quais roupas você já produziu?

Resposta: Recentemente, eu comecei a costurar roupa de homem. Demorei nove anos, para começar só agora, para você ver como é difícil. Conseguir uma modelista, ela tirou os moldes para mim, agora eu só recorto e faço. Mais simples, mesmo assim, o primeiro me deixou louca. Mas hoje eu posso dizer que sou uma costureira completa, eu faço tudo: bata, pano-de-cabeça, pano-da-costa, laço, roupa de homem, roupa de mulher, tudo. Ainda tem coisas que são mais difíceis, como bata, pela diversidade de bata, mas eu já

peguei o jeito. E roupa de homem, porque eu fico insegura, pois não posso colocar em mim e ver como ficou. Eu tenho que entregar, torcer e esperar que dê certo. E roupa de orixá eu já fiz: o primeiro orixá que eu costurei foi o meu, foi a Oiá, em 2016. Depois o Obaluaiê, eu fiz duas Iansãs, além da minha, o meu Oxóssi, o Ogum da Terezinha. Fiz algumas modificações de uma roupa de Oxum. E a roupa de Iemanjá, que foi meu último advento. Foi a coisa mais linda que eu já costurei em todos esses anos. Fiz roupa de caboclo, fiz roupa de erê, roupa de Exú também já fiz.

Pergunta: Você tem um projeto que você esteja trabalhando, pesquisando, que você quer partilhar?

Resposta: Eu tenho o Coletivo Obinrin Alágbára. Estamos há alguns anos fazendo essa pesquisa. A gente tem uma revista que vai sair. Estamos no processo de produção já há algum tempo. E eu estou fazendo um catálogo, a partir da perspectiva do Axé Ilê Obá. Explicando o que é a roupa do homem, a da mulher, os axós ilê. Todas essas coisas. Estou fazendo esse catálogo para a gente saber. Eu quero deixar de legado para a casa.

Recebido em: 30/04/2023

Aceito em: 15/05/2023